



Série 'Emergência 53' é premiada em evento paralelo da Berlinale

PÁGINA 5



Guitarrista Fábio Rizental relê clássicos do Clube da Esquina

PÁGINA 6



Franceses vão conhecer o balanço da Dança Charme carioca

PÁGINA 8

#cm
2
QUINTA-FEIRA



Lázaro Ramos e Yuri Gomes em 'Feito Pipa'. Ele vive um pai homofóbico, mas não violento, com dificuldades em lidar com o filho

'A gente é melhor quando a gente é a gente'

Após estrear o drama **'Feito Pipa'** no Festival de Berlim, **Lázaro Ramos** concede entrevista ao nosso crítico Rodrigo Fonseca e **reflete** sobre o que está por trás da boa fase do cinema brasileiro no exterior. **"A gente é melhor quando a gente é a gente"**, afirma o ator e diretor baiano. **Pág. 2**

ENTREVISTA | LÁZARO RAMOS

ATOR E DIRETOR



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Astro da novela das seis que anda a bombar na grade da TV Globo neste momento (“A Nobreza do Amor”), Lázaro Ramos vê na presença da esquadra de 13 produções com DNA brasileiro na Berlinale a realização de um projeto estético que ele ajudou a semear desde a explosão de “Madame Satã” pelas telas de Cannes, em 2002. O que explode agora, em torno de seu nome, é o doce “Feito Pipa”, que faz um estardalhaço em telas alemãs com a sua mirada calorosa sobre arranjos familiares avessos a caretices.

Ele vive Batista, pai viúvo do menino Gugu (o ricochete baiano Yuri Gomes), que, aos 11 anos, demonstra destrezas de craque com a bola no pé. No entanto, a identificação do garoto com a cultura queer atíça homofobias contra ele e seu lar, que anda alquebrado depois de sua avó amada, Dilma (Teca Pereira), dar sinais de perda de memória. A direção de Allan Deberton (de “Pacarrete”) assegura a Lázaro um pavimento de afetividade como raro se vê num debate sobre intolerâncias.

Prestes a ser visto em circuito no elenco do thriller de humor “Velhos Bandidos” (em que caça Fernanda Montenegro e Ary Fontoura), Lázaro abre um sorriso daqueles que só amigos de verdade são capazes de abrir ao ouvir falar sobre a indicação de seu amigo e colega da Bahia Wagner Moura ao Oscar, por “O Agente Secreto”.

“Sempre perguntam da gente... é como se a gente fosse um só”, brincou o astro baiano ao falar com o Correio da Manhã, em meio ao sucesso europeu de “Feito Pipa”. Na entrevista a seguir, ele esquadrinha o que encontrou de brasilidade na Alemanha.

De que modo a atual fase de ebulição mundial do cinema brasileiro coroa o empenho que sua geração vem pavimentando desde o início dos anos 2000, na época em que “Madame Satã” levou seu talento às telas da Europa?

Lázaro Ramos - Minha maior satisfação é notar que a gente está tendo visibilidade preservando a nossa identidade. O que tem viajado não é filme feito com lógica de algoritmo para agradar o mercado. Os filmes que estamos produzindo - e que estão sendo aceitos mundo

‘Problemas de antes permanecem e precisam ainda ser aprofundados’



Lázaro Ramos no lançamento de ‘Feito Pipa’ na Berlinale

“Batalhamos muito para chegar a este ponto em que chegamos, onde é possível falar de sentimentos, sem passar pela violência urbana”

afora - carregam os nossos estilos e estéticas. As temáticas que a gente vê em nossos filmes aqui em Berlim são diferentes, mas elas se conversam. A gente é melhor quando a gente é a gente.

Embora falem de conflitos sociais, as produções do Brasil na Berlinale dirigi-

das por cineastas negras/os falam, de modo geral, de afetos, com tramas que não associam populações pretas do país à violência, ao tráfico, a armas? O que mudou?

Essa é uma visão histórica importante, que remota ao tempo

em que Zózimo Bubul, em 1973, fez “Alma no Olho”, a discutir os grilhões da escravidão em que a gente ainda tropeça. Batalhamos muito para chegar a este ponto em que chegamos, onde é possível falar de sentimentos, sem passar pela violência urbana. De uma certa forma, é como se a

gente tivesse superado a etapa da denúncia. Ela é importante, pois problemas de antes permanecem e precisam ainda ser aprofundados. A diferença é que o caminho que abrimos nos permite falar de sentimentos. Isso é bonito.

“Madame Satã”, que fez de você um astro, há 24 anos, era uma narrativa queer, tal qual “Feito Pipa”, afinado com o cinema de Allan Deberton. O que mudou na representação do universo LGBTQIAPN+ desde então?

A primeira coisa que me atraiu nesse projeto do Allan foi essa questão, a aceitação num universo marcado ainda pela homofobia. Lá no “Madame...”, eu tive meios de retratar essa vivência de um lado, e, agora, no papel do Batista, o pai, tem um outro lado do debate. Um lado que precisa mudar. Não é o homem bruto, homofóbico padrão. Ele é um pai amoroso, mas que não sabe aceitar, não sabe lidar com diferenças. Tinha ainda nesse projeto o apelo de poder fazer um filme sobre a infância. Tem ainda o fato de que me chega o Yuri, um menino negro da Bahia, cheio de energia, vindo do teatro... É esse o tipo de cinema em que eu acredito.

Existe um clima “Sessão da Tarde” em “Feito Pipa”, apesar de o filme abordar asperzesas do dia a dia brasileiro. Como é Batista, nesse olhar que Deberton leva à Berlinale sobre a vida em família?

Tem uma discussão importante sobre identificação e eu gosto que o Batista passa longe da imagem do pai homofóbico violento. A dor está ali, mas não existe um olhar pessimista.

Quando o Lázaro cineasta voltará ao sets?

Tenho dois filmes para rodar, sendo que o Sergio Machado está a escrever um deles.

No segundo ano da gestão de Tricia Tuttle sobre o festival alemão, a competição oficial de Berlim se enche de pérolas, mas não aponta favoritismos - fora a atuação de Sandra Hüller



A atriz alemã Sandra Hüller é a artista que chega mais próximo do favoritismo de Berlim em 'Rose'



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Caberá a dois longas-metragens com CEP nos Estados Unidos (um deles de DNA brasileiro) dar o fecho na competição pelo Urso de Ouro da 76ª Berlinale, nesta sexta: o documentário "YO (Love Is A rebellious Bird)", de Anna Fitch e Banker White, e o suspense "Josephine", de Beth Araújo, americana cujo pai é paulista. Este último foi importado do Festival de Sundance, nos EUA, de onde saiu com o prêmio de Melhor Filme. O que esse par de produções vai encontrar na Alemanha é uma disputa de muita excelência, mas sem nenhuma obra-prima. Pela primeira vez em pelo menos dez anos (e a segunda vez na gestão da diretora artística Tricia Tuttle, que começou em 2025), não há um filme "vergonha alheia" no certame, nada a se considerar ruim, mas, por outro lado, também não se vê favoritismos explícitos.

O mais próximo de um "já ganhou" é a atuação da alemã Sandra Hüller (de "Anatomia de uma Queda") em "Rose", no papel de uma mulher que se fez passar por homem, na Prússia do século XVII, para assegurar seu direito a terras. A interpretação dela é para ficar na memória... e para comover o peito do júri, presidido pelo octogenário realizador germânico Wim Wenders (de "Perfect Days").

O cearense Karim Ainouz meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com o elegante "Rosebush Pruning" e dividiu opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o brasileiro fez com elenco internacional do cult italiano "De Punhos Cerrados" (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia de Hélène Louvart é

Urso da incerteza



Felix Dickinson/Divulgação

Pamela Anderson é a figura materna de 'Rosebush Pruning', do brasileiro Karim Ainouz



Kinotitlán

'Moscas', de Fernando Eimbcke, do México, é o único longa latino em concurso

seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego também causou boa impressão e pode lhe valer uma láurea de coadjuvante.

O país que mais se destacou na peleja pelos Ursos, em 2026, desde o início do Festival de Berlim, no último dia 12, foi a Turquia. De lá, vieram "Yellow Letters", de Ilker Çetmak (sobre um casal de artistas de teatro boicotados pela censura estatal) e o magistral "Salvation", um épico de Emir Alper no qual populações de uma vila rural ligada ao Islã lutam entre si pelo controle do território, enquanto um morador, tomado por superstições, desafia a liderança local. Há que se realçar ainda a ousadia de uma experiência trazida da Guiné-Bissau: "Dao", de Alain Gomis, um diretor franco-senegalês aclamado na Berlinale de 2017 com "Félicité", que lhe deu então o Grande Prêmio do Júri. O cineasta pode repetir a dose com um trabalho de pesquisa que passa pela antropologia e pela dramaturgia, com eflúvios dos ori-

xás, ao falar de um encontro entre amigos e parentes de uma família em meio a um casamento e a uma despedida. É gira pura.

A única expressão criativa da América Latina a disputar o troféu dourado germânico com um longa que seja ambientado no continente e estrelado por um elenco de nuestros Hermanos é o mexicano Fernando Eimbcke. Ele entra no páreo com "Moscas", no qual uma mulher cria laços de afeto com um garotinho do qual se aproximou por um vetor nada sentimental: a pobreza. A direção de Eimbcke é de um rigor espartano no controle do tempo... e das emoções.

Sacolejaram-se paradigmas da crítica na projeção de "At The Sea", um dramalhão do húngaro Kornel Mundruczó, a apostar no talento de Amy Adams. Ela interpreta uma coreógrafa em vias de reabilitação na condução de suas vias éticas. A relação com a filha e com o marido anda ruim, mas não tanto quanto seu trato com as memórias paternas, a lembrar de um pai também



ATS Production LLC

Amy Adams afoga seu passado de excessos com o álcool em 'At The Sea'

chegado a uma Cainha da Roça que passava dos limites em sua opressão.

Na mostra paralela mais badalada da Berlinale (que só consegue prêmios de júris paralelos e láureas de votação popular), o Brasil meteu um gol com "Isabel", de Gabe Klinger, comédia que traz a VJ, a atriz e cineasta Marina Person em modo Diane Keaton, na pele de uma especialista em vinhos que almeja sucesso no mercado étlico. Um chefvilão

encarnado pelo sempre eficaz Marat Descartes dá uma tônica social a uma crônica ambientada numa SP nada manjada. Ali pela Panorama, mereceu aplauso ainda a mistura de drama e thriller suíço "Enjoy Your Stay", de Dominik Locher e Honeylyn Joy Alipio, sobre uma imigrante filipina em maus lençóis em solo europeu burguês.

Neste domingo, o evento germânico chega ao fim.

Perspectiva

animada

Catapultado mundialmente para a fama via Berlinale, nos anos 1980, o cinema chinês leva seu tentáculo mais recente, a animação, para o evento germânico com 'Light Pillar'



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quando o balanço da saúde financeira do cinema mundial em 2025 foi fechado, a China saiu na dianteira... econômica e histórica... ao se tornar a primeira nação não anglo-saxônica a cravar um filme na marca do bilhão (de dólares, em faturamento), ou melhor, de US\$ 2,2 milhões: a animação "Nezha: O Renascimento da Alma". Cercada de misticismo e ancestralidade asiática, a trama animada por Jiao Zi, já lançada no Brasil é a continuação de um filme de 2019. No enredo, as almas de Nezha e Ao-bing se salvaram de uma catástrofe, mas seus corpos estão condenados a serem despedaçados, a menos que se apropriem de um objeto sagrado, a lótus de sete cores. Diante desse fenômeno, não é de se estranhar que o cinema chinês adentre a Berlinale de 2026, um ano depois de sua consagração mercadológica, animando a grande do evento. "Light Pillar", representante daquela nação na mostra Perspectives (uma competição paralela à do concurso pelo Urso de

Ouro), anima uma ideia possível de futuro. Seu diretor, Xu Zao, é um artista plástico que vem da pintura.

"Eu gosto de Jacques Tati, da fase mais irônica de Takeshi Kitano e de Aki Kaurismäki, ou seja, o humor é uma linha que aprecio, assim como sou um entusiasta do que pintores/as fazem. O quadrinho e a animação em geral não são o meu habitat. Porém, como tenho experiência na direção de arte, tentei expressar minhas ideias animando, com alguma ou outra referência aos desenhos do Japão e da ficção científica francesa. A janela da sci-fi é uma forma de eu abrir uma fresta nova para observar o mundo a partir da minha sociedade", diz Xu Zao.

"A janela da sci-fi é uma forma de eu abrir uma fresta nova para observar o mundo a partir da minha sociedade"

XU ZAO

"Light Pillar" se passa no inverno. É um inverno futurista, no qual as viagens espaciais já não são um sonho. Em seu enredo, um estúdio cinematográfico outrora próspero enfrenta a falência. O enorme complexo de filmagem, com estruturas que vão desde a Grande Esfinge de Gizé até à Cidade Proibida, está agora completamente coberto de neve e despojado da sua antiga glória. Zha, um zelador solitário, cuida deste lugar esquecido, tendo apenas como companhia um gato que costumava atuar em filmes. Sem dinheiro, o proprietário do estúdio dá a ele óculos de realidade virtual como compensação parcial. Com esse objeto, Zha é imediatamente atraído para

o mundo virtual e embarca numa viagem romântica com uma jogadora que o convida para uma viagem à lua. Enquanto isso, o estúdio, que está prestes a fechar definitivamente, é temporariamente trazido de volta à vida quando uma equipe chega para gravar um longa de invasão alienígena no amplo set externo.

"Os filmes de espaço, em geral, tratam de heróis, mas eu falo de pessoas comuns", diz Xu Zao, que saberá neste sábado se o júri da Perspectives gostou de sua forma de animar.

Dede 1988, quando a Berlinale outorgou um Urso de Ouro a "Sorgo Vermelho", de Zhang Yimou, a China sempre saiu de lá coroada de laúreas. Zao Tem força para vencer.

Um 'segredo' que Berlim inteira cochicha

Uma das atrizes de maior prestígio do teatro e do cinema brasileiro no século XXI, famosa pela trajetória nacional da peça "Vaga Carne", a também dramaturga Grace Passô se consolida num novo front, o da realização, ao se encher de elogios, no posto de cineasta, por seu trabalho em um dos filmes de maior impacto da mostra Perspectives, desta Berlinale: "Nosso Segredo".

Não há boca em solo alemão que não elogie o drama de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (li-

gada a um surpreendente signo animal) a partir de reescrita de "Amores Surdos", texto teatral de autoria da própria Grace.

A fotografia dionisiaca de Wilssa Esser assegura um aspecto crepuscular ao enredo que mistura finitude, recomeço e perenidade. Nele, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do realismo.



Grace Passô dirige 'Nosso Segredo'

"O 'para sempre' para mim são memórias, são afetos comunicados, são nossos ancestrais... os mestres que prepararam o meu mundo para o que virá. A ideia de 'para sempre' tem a ver com afeto. A morte é a vida... é 'O' assunto da vida", diz a atriz, laureada com o troféu Redentor do Festival do Rio duas vezes, por suas interpretações em "Praça Paris" (2017) e em "O Dia Que Te Conheci" (2023). "As vidas negras no nosso país são a maior prova de que o afeto e a admiração entre os integrantes de uma família é o que faz as pessoas resistirem e seguirem em frente". (R. F.)

Divulgação

'Light Pillar' se passa em um inverno futurista da China

Divulgação

Conspiração Filmes



'Emergência 53' mostra a realidade de profissionais que atuam numa unidade especial do serviço móvel de emergência

URGÊNCIA

premiada

Drama médico brasileiro 'Emergência 53' recebe prêmio de excelência em evento paralelo do Festival de Berlim dedicado a séries



AFFONSO NUNES

Única produção brasileira selecionada para o Berlinale Series Market, a série "Emergência 53" foi premiada com a primeira edição do Production Excellence Award, concedido pelo Studio Babelsberg, o estúdio de cinema mais antigo do mundo. A produção ganhou destaque na programação da vitrine internacional dedicada a produções seriadas que integra o Festival de Berlim. Na última terça-feira (17), o primeiro episódio da produção foi exibido em sessão exclusiva no CineMax, em Berlim, reunindo produtores, distribuidores e profissionais do mercado audiovisual europeu e global durante o Euro-



Renata Brandão, Alex Medeiros, Valentina Herszage, Heloisa Jorge, Andrucha Waddington e Márcio Maranhão representaram a produção, que fez sua estreia mundial no evento alemão

“É uma série que fala sobre o serviço móvel de urgência, com personagens complexos, com seus dramas, seus amores, suas decepções”

VALENTINA HERSZAGE

pean Film Market. As atrizes Valentina Herszage e Heloisa Jorge, ao lado do diretor Andrucha Waddington, representaram a série criada pela Conspiração Filmes e distribuída pela Globoplay, com estreia prevista ainda para este ano na plataforma de streaming.

O drama médico acompanha o cotidiano de profissionais que atuam em uma unidade especial do serviço móvel de urgência, explo-

rando não apenas as situações-limite do atendimento de emergência, mas também as camadas humanas que compõem esses trabalhadores da saúde pública. A criação de Claudio Torres, Márcio Maranhão e Andrucha Waddington busca equilibrar a intensidade característica das narrativas médicas com um olhar sobre os dramas pessoais, conflitos afetivos e dilemas éticos vividos por quem atua na linha de frente do sistema de saúde brasileiro. A direção é compartilhada por Claudio Torres e Andrucha Waddington, enquanto o roteiro tem assinatura de Torres e Fábio Mendes.

“Trazer a série ‘Emergência 53’ aqui para Berlim é muito emocionante. É uma série que fala sobre o serviço móvel de urgência, com personagens complexos, com seus dramas, seus amores, suas decepções. Uma série com muita adrenalina! Eu estou muito feliz de poder iniciar esse trabalho de lançamento num festival tão importante como esse e daqui a pouco chegar com a série para os brasileiros”, comentou Valentina Herszage. Sua colega de elenco, Heloisa Jorge, destacou a dimensão de homenagem que a produção faz a um segmento tão importante de nossa sociedade. “Tenho muito orgulho do trabalho que fizemos juntos e desejo, de coração, que todos os profissionais da saúde pública brasileira se sintam homenageados com a nossa série”, disse.

A presença do Globoplay no Berlinale vem se consolidando como estratégia de posicionamento internacional da plataforma. Em 2024, o streaming levou “Betinho - No Fio da Navalha” ao festival, seguido por “Reencarne” em 2025. A escolha de “Emergência 53” para representar o catálogo brasileiro em 2026 reforça a aposta da empresa em produções de apelo universal, mas com marcas culturais e sociais específicas do Brasil. O evento contou ainda com a presença de Renata Brandão, CEO da Conspiração, Alex Medeiros, Head de Conteúdo de Ficção do Globoplay e da Globo Filmes, e Márcio Maranhão, um dos criadores da série, evidenciando a importância estratégica da produção para o portfólio da plataforma.

O elenco da série reúne, além de Valentina Herszage e Heloisa Jorge, os nomes de Yara de Novaes, Emílio Dantas, Ana Hikari, Jaffar Bambirra, Raquel Villar, William Nascimento e Emílio de Mello, com participação especial de Fernanda Montenegro.

Dramas médicos têm feito sucesso global neste formato televisivo como as séries como “ER”, “Grey’s Anatomy” e “The Good Doctor”. “Emergência 53” bebe desta fonte, mas revela questões brasileiras além do universo hospitalar, mostrando problemas estruturais da saúde pública, desigualdades sociais e a precariedade de recursos que caracteriza o atendimento de emergência em muitas regiões do país.

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Karen Eppinghaus/Riotur

Desfile da Mangueira no Carnaval 2026

Após o Carnaval...

Lembro-me. Em 2019, campeã com o enredo “História pra ninar gente grande”, desenvolvido pelo carnavalesco Leandro Vieira, a Mangueira riu de heróis da nação. Marcelo Crivella, prefeito que não repassou verba às escolas de samba, provocou a realização de um Carnaval crítico a Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I...

Mas, após a festa de Momo, foliões das periferias do Rio de Janeiro voltaram a se fantasiar de realismo social em seus barracos, localizados em favelas onde o poder público não desfila com a bandeira do saneamento básico, com o abre-alas da segurança, com os adereços da saúde, poque quem ri e brinca agora, após o Carnaval, é o mesmo grupo político que entra na Avenida Eleições a cada quatro anos, diga-se, mascarado com o mesmo rosto de “Eu digo a Verdade”.

A alegria dos humildes da Marquês de Sapucaí nunca se transformou em maioria absoluta na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, ou seja, jamais se afirmou com políticas públicas contínuas no tempo e no espaço, razão de a porta-bandeira da agremiação, após o Carnaval, não colocar sua filha na creche, mesmo porque nem creche existe onde ela mora. Se a alegria de três dias morre no sambódromo, o deputado estadual da Cidade Maravilhosa, votado ao som da urna eletrônica, pula de alegria o ano todo, pois o parlamentar folião legisla em causa própria.

Assim, aos pés do Cristo Redentor, braços abertos formaram a cruz ou o sacrifício de uma Sapucaí que, em 1989, cantou “Ratos e urubus, larguem minha fantasia”. Foi quando o Cristo Mendigo, coberto por sacos de lixo, virou a mesa contra a injustiça social. Já faz 37 anos que a miséria, indiferente à pele, entulha seu peso em rostos negros e brancos. Segundo o IBGE de 2024-2025, a miséria e a pobreza cariocas, exprimidas entre as belezas do mar e das montanhas, totalizam 3,86 milhões de humanos, ou seja, 22% da população do Estado. Somos mais de 8 mil em situação de rua.

Até hoje, ratos e urubus não largam a fantasia de quem deseja justiça social. O gênio Joãozinho Trinta perdeu. O problema agudo e vital do Rio de Janeiro ainda é a miséria, ainda é a pobreza. Com dinheiro emprestado da patroa, Maria da Silva de Jesus, mãe de quatro filhos, pagou 200 reais para ficar de pé no pior e no mais barato setor da Sapucaí. Após a alegria desfilar, Maria voltará para casa num trem lotado de eleitores. Última estação, Japeri, na Chacrinha, rua São Sebastião, onde não há creche. A filha de 10 anos sempre toma conta dos irmãos.

Após a festa de Momo, foliões das periferias voltaram a se fantasiar de realismo social em seus barracos, localizados em favelas onde o poder público não desfila



Fábio Rizental assume a influência do Clube da Esquina em sua trajetória artística

Uma guitarra a serviço de canções eternas

Fábio Rizental presta tributo ao Clube da Esquina em arranjos marcados pelo improviso em show nesta quinta

AFFONSO NUNES

Um mergulho moderno, instrumental e carregado de afeto no universo de Milton Nascimento, Lô Borges e no imaginário musical do Clube da Esquina. Esse é o propósito de “Canções de Minas”, espetáculo que o guitarrista Fábio Rizental apresenta no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, nesta quinta-feira (19), às 19h.

Referência na cena musical carioca, Rizental construiu sua carreira como autêntico guitarrista de fusão latina, desenvolvendo um estilo técnico e criativo que mistura influências brasileiras com jazz contemporâneo, articulando improvisação, groove e atmosferas etéreas em arranjos renovados para clássicos como do cancionário do Clube da Esquina como “Nuvem Cigana”, “Nada Será Como Antes”, “Clube da Esquina nº 2”, “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo”, “Trem Azul” e “Fé Cega, Faca Amolada”, entre outras canções fundamentais do repertório.

Com uma trajetória que inclui participações no Rock in Rio 2013, no Brasil, e no Rock in

Rio Lisboa 2014, Rizental possui uma discografia que reflete seu compromisso com a fusão de gêneros. Entre seus trabalhos estão os álbuns “Noites de Minas” (2017), “Guitarras do Brasil Ao Vivo” (2021), que presta homenagem aos grandes guitarristas brasileiros que influenciaram sua carreira, e “Certas Canções” (2021). O músico tem como referência instrumentistas como Toninho Horta, Ricardo Silveira, Pepeu Gomes e Jeff Beck.

Movimento que emergiu em Belo Horizonte nos anos 1960 e consolidou-se como um dos capítulos mais inventivos da música popular brasileira, o Club da Esquina reuniu em torno de Milton Nascimento e Lô Borges uma geração de compositores, arranjadores e instrumentistas que expandiram as fronteiras da MPB. Incorporando jazz, rock, música erudita, folclore latino-americano e as raízes mineiras, o grupo criou uma estética singular, marcada por harmonias sofisticadas, letras poéticas e uma liberdade criativa. Nomes como Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso e Tavinho Moura integraram esse núcleo que

transformou Minas Gerais em polo de inovação musical, produzindo obras fundamentais como o álbum duplo “Clube da Esquina” (1972), considerado um dos discos mais importantes da história da música brasileira.

Ao revisitar esse repertório, Rizental estabelece um diálogo entre tradição e contemporaneidade, explorando a complexidade harmônica e melódica das composições através de sua guitarra e da interação com os músicos que o acompanham. “Canções de Minas” celebra melodias marcantes da MPB revisitadas com liberdade criativa por um guitarrista que une técnica, sensibilidade e profunda musicalidade. A apresentação já passou por palcos como Blue Note Rio, Soberano Jazz Club, Espaço Sérgio Porto, Teatro Café Pequeno, Teatro Brigitte Blair e pelo Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

SERVIÇO

FÁBIO RIZENTAL - CANÇÕES DE MINAS

Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca)
19/2, às 19h
Entrada: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

CRÍTICA DISCO | ARCOS BRASILEIROS

POR AQUILES RIQUE REIS*

Conhecer para cultivar e preservar

Hoje trataremos de “Arcos Brasileiros” (independente), álbum que reúne violino, instrumento ligado à música europeia, e rabeca, cuja brasilidade remonta a tempos ancestrais. E assim, somando atributos, os dois reafirmam sua gemelaridade. Habitados a frequentar partituras musicais distintas, eis que o violino soa tão popular quanto erudito soa a rabeca. E tudo graças a Vanille Goovaerts e a Ricardo Herz, que se encarregaram de quebrar paradigmas – lembremos que em tempos imemoriais o violino já foi chamado de rabeca.

Dissipada a ironia acima, convidando-os a ouvir “Arcos Brasileiros” e ilustrarem-se com a verve tão musical quanto pedagógica de Goovaerts, violinista francesa apaixonada pela rabeca e pelo forró desde quando iniciou pesquisa sobre a música brasileira em 2018, e de Herz, um dos nomes mais importantes do violino popular no Brasil, reconhecido por sua técnica inovadora ajustada ao violino e à rabeca.



Vanille Goovaerts e Ricardo Herz quebram paradigmas ao aproximar o violino da rabeca em ‘Arcos Brasileiros’

“Arcos Brasileiros” traz um repertório autoral e inédito (com exceção de “Odeon”, de Ernesto Nazareth), expondo o timbre dos instrumentos que vibram em ritmos populares com limpidez cristalina. Assim, a riqueza da sonoridade das cordas soa como são: unha e carne em uma harmonia musical exata.

E o que rola é o inesperado revisito e ampliado: a bendita diver-

sidade de xotes, baiões, maracatus, frevos, os toques de Iúna e do boi, mais forrós, sambas, ijexás, choros e marchinhas. Extraordinários!

Desde a primeira faixa, tem-se a riqueza da rabeca ampliada pelo violino, comprovação arrebatadora do que virá a seguir. Logo uma peça de concerto dá lugar ao som nordestino, popular que só ele e mais rico do que sempre. Extraor-

dinário! As cordas estalam seu ritmo em profusa magnitude. Enlouquecidas, clamam novamente à nordestinidade, num preito à memória. Extraordinária! As cordas demandam e a voz ajunta-se a elas. Gêneros vem e vão. Tudo alterna no compasso da criatividade dos instrumentistas, e a relevância de Arcos Brasileiros transcende seu conteúdo, extraordinário!



Ouçam com atenção cada faixa e preparem-se, pois o trabalho ainda será acrescido de um segundo álbum a ser utilizado como playback, com faixas separadas para uso pedagógico e acessível a músicos que não leem partitura ou com deficiência visual. Essa segunda versão trará ainda um arquivo PDF com as partituras, permitindo a circulação desse repertório no meio acadêmico e entre estudantes, e o registro audiovisual do processo criativo, desde o gestual até à expressão corporal, anotados na música popular. Ouçam o álbum em <https://acesse.one/2Cjsv>.

Ficha técnica

Concepção, violinos, rabecas e composições: Vanille Goovaerts e Ricardo Herz; áudio, gravação, mixagem e masterização: Daniel Tápia; fotos: Carmen Fernandez; vídeos: Gabriel Boieras; design gráfico: Bel Andrade Lima; produção executiva: Marina Herz (Herz Produções); assessoria de imprensa: Débora Venturini.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Um samba misturado

Com mais de 130 milhões de streams e 1,2 milhão de criações no TikTok, a cantora Mari Froes lança “Colombina”, single que une samba e EDM, inspirado na personagem do carnaval. A faixa evolui de atmosfera delicada para ritmo pulsante com palmas, chocalhos e baixo marcante. “É uma música divertida porque tem várias referências à cultura brasileira, mas tem um refrão pop-rock com um baixo muito legal. Eu amo essa mistura”, afirma a artista, certificada ouro na Suíça e Bélgica e platina na França e Portugal com o hit “Vaitimbora”.



Na batida do candombe

Jorge Drexler lança “Toco Madera”, primeiro single de “Taracá”, seu 15º álbum de estúdio. Gravada em Montevideu, a canção destaca o tambor candombe em composição de Drexler e Carlos Casacuberta. O título brinca com duplo sentido: o ritual de afastar azar e a técnica do candombe uruguaio de bater na madeira do tambor para marcar a clave rítmica. O candombe aparece com frequência em “Taracá”, em amálgama de canções significativas. Drexler se apresenta no Brasil em maio em São Paulo e Porto Alegre.



Um hit cinquentão

Resgatada pelas novas gerações, Gretchen lança videoclipe oficial de “Freak Le Boom Boom”, que viralizou nas redes sociais neste verão. Gravado no rinque Roller Jam em São Paulo, sob direção de Eduardo Levy e Marcelo Paiva (Janeiro Filmes), o clipe traz a coreografia icônica original da faixa lançado em 1979 no primeiro disco da artista pela EMI Records. Cantada em inglês com intervenções em francês e espanhol, a música foi redescoberta através de vídeos curtos nas redes sociais e Gretchen volta às pistas de dança.

Charme vai a Paris levar seu 'charme'

Coreógrafo Marcus Azevedo apresenta pela primeira vez na Europa a dança urbana carioca que nasceu nos bailes da periferia

Jota Caetano/Divulgação

AFFONSO NUNES

Quando o Movimento Charme desembarca em Paris nesta sábado (21) de fevereiro, a coincidência linguística se faz presente. A dança que os cariocas batizaram de Charme vai finalmente mostrar seu “charme” aos franceses. Será a primeira vez que essa expressão artística nascida nas ruas, favelas e periferias cariocas atravessa o Atlântico para se apresentar na Europa, levada por um de seus nomes mais importantes, Marcus Azevedo, que há mais de 25 anos se dedica a consolidar, pesquisar e profissionalizar essa manifestação cultural que mistura passos sofisticados, black music e identidade afro-brasileira.

O palco escolhido para esse encontro entre o Charme brasileiro e o “charme” francês é o Carreau du Temple, espaço cultural parisiense instalado em um edifício do século XIX, que sediará a quinta edição do Festival Everybody. Ali, Marcus Azevedo comandará um aulão das 20h às 21h, seguido por um baile das 21h30 à 1h com as pick-ups sob comando da DJ Gab. A programação ainda contará com participação especial do dançarino Eduardo Gonçalves, completando a representação carioca que promete mostrar aos europeus a essência de uma dança que nasceu longe dos holofotes, mas conquistou seu lugar.

“Eu esperei muito por esse dia. É maravilhoso e marcante ter a oportunidade de levar tudo que a Dança Charme traz e faz o charmeiro se apaixonar tanto por essa dança para mais lugares mundo afora. Que a França seja a primeira de muitas outras oportunidades de representar o Charme na Europa e que possamos, a partir desta experiência, atingir cada vez mais e mais pessoas pelo mundo com o que nos faz tão bem. Pois, se faz bem ao carioca, faz bem ao mundo inteiro”, epolga-se o bailarino e coreógrafo.

O Festival Everybody se notabilizou em destacar artistas que colocam a representação do corpo no centro de seus trabalhos. As obras apresentadas ali questionam estereótipos relacionados a gênero, cor da pele e deficiência, explorando as múltiplas maneiras de vivenciar identidades e diferenças. As narrati-



Marcus Azevedo vai ministrar aulão para ensinar aos franceses o balanço da Dança Charme



Tainá Santos/Divulgação

Cria da Cidade de Deus, a DJ Gab vai comandar o baile após o aulão de Dança Charme em Paris

vas de resistência estão no centro da programação artística desta quinta edição do evento: resistência das comunidades Queer, resistência de corpos marginalizados que confrontam as lógicas capacitistas e reinventam o espaço e a visibilidade, resistência de corpos afrodescendentes cujos gestos, vozes e presença desafiam os legados coloniais enraizados nas sociedades, e resistência também na força do coletivo, onde a dança se torna uma forma de coexistência. E nesse contexto, a Dança

Charme se encaixa perfeitamente.

Marcus Azevedo é figura central da dança urbana no cenário carioca, tendo consolidado sua trajetória como artista, professor e pesquisador essencial desse movimento emblemático que nasceu nas periferias e favelas do Rio. Foi ele o primeiro coreógrafo a realizar pesquisa conceitual sobre a definição dessa dança, obtendo reconhecimento oficial como categoria artística em 2020 pelo Sindicato dos Dançarinos Profissionais do Rio, o que abriu

“Que a França seja a primeira de muitas outras oportunidades de representar o Charme na Europa e que possamos atingir cada vez mais e mais pessoas pelo mundo com o que nos faz tão bem. Pois, se faz bem ao carioca, faz bem ao mundo inteiro”

MARCUS AZEVEDO

caminho para a profissionalização dos bailarinos que antes dançavam apenas nos bailes de fim de semana.

Promovendo a cultura do Baile Charme entre a tradição popular e o reconhecimento institucional, Azevedo fundou a Dança Charme e Cia (DCC), a primeira companhia profissional de dança brasileira com o objetivo de preservar e promover a cultura e a dança Charme. Mais tarde, criou também a Cia Originais do Charme, a primeira companhia profissional com dançarinos acima dos 40 anos que saíram dos bailes para os palcos, sendo pioneiro ao levar a história e o legado da Cultura Charme aos teatros e arenas. Por suas mãos nasceram os espetáculos “DCC 10” e “Ori-

ginais do Charme na Área”, ambos vencedores do FOCA 2022, além de ter conquistado o Sesc Pulsar na temporada 2022/2023 com a companhia Dança Charme & Cia.

A apresentação em Paris terá nas pick-ups a DJ Gab, cria da Cidade de Deus. Formada na oficina de DJs da “Urban Work The Responsa” e depois no curso de DJ da Vila Kennedy com William Batista (DJ Will Ow), onde descobriu a arte da mixagem e desenvolveu uma prática rigorosa. Sua relação com a música começou na infância, nutrida pelas influências do R&B, hip-hop, funk e samba, mas foi no movimento Charme e nas influências do hip-hop que ela encontrou a base de sua identidade artística como DJ.